

Brasil se compromete a proteger 10% de florestas

do enviado especial

O governo brasileiro assumiu ontem o compromisso de, até o final do ano 2000, atingir a meta de proteger ao menos 10% de todas as florestas brasileiras.

O compromisso consta de carta enviada pelo embaixador em Londres, Rubens Barbosa, ao príncipe Philip, marido da rainha Elizabeth e presidente emérito do WWF (Fundo Mundial pela Natureza).

É de iniciativa do WWF a campanha "Florestas para a Vida", que visa, exatamente, fazer com que todos os países garantam a proteção de ao menos 10% de suas florestas até o ano 2000.

Essa é a porcentagem considerada mínima para proteger regiões com rica diversidade biológica.

No caso só da Floresta Amazônica, que tem 65% de sua área no Brasil, há 55 mil espécies de plantas, 3.000 de peixes e 1.622 de pássaros, entre outros espécimes.

O Brasil já protege quase 9% de suas florestas, segundo Eduardo Martins, presidente do Ibama, que faz parte da comitiva do presidente Fernando Henrique Cardoso na visita a Londres.

Martins diz que o compromisso representa acrescentar 4 milhões de hectares às áreas protegidas.

O presidente do Ibama diz que,

além de incluir novas áreas, o importante é "fazer com que aquilo que foi criado seja implantado".

O tema meio ambiente esteve presente também na conversa entre FHC e Blair, mas em torno da conferência internacional de Kyoto (Japão), que discute as mudanças climáticas.

Em conjunto

À saída do encontro, FHC disse que Brasil e Reino Unido vão trabalhar juntos em Kyoto.

Acrescentou: "Nós estamos dispostos a assumir nossas responsabilidades com a condição de que os países mais desenvolvidos, que têm uma responsabilidade maior, não sentido de terem poluído mais, tomem também medidas claras e tenham objetivos definidos para os limites de emissão de gases".

É alusão a uma das divergências que antecederam a conferência de Kyoto: os EUA gostariam que todos os países arcassem com os custos de reduzir a emissão de gases que provocam o efeito estufa e levam ao aquecimento do planeta. O Brasil, porém, insiste que quem polui mais paga mais. Os países desenvolvidos são, de longe, os grandes emissores de gases. (CR)

→ LEIA MAIS sobre a conferência de Kyoto na pág. 1-13

ANÁLISE

Acordo não tem garantias

MAURÍCIO TUFFANI
Editor-assistente de Ciência

Ao afirmar que vai transformar pelo menos 10% das florestas brasileiras em áreas de preservação, o presidente Fernando Henrique Cardoso não tem como garantir de fato a proteção dessas áreas.

Não basta criar unidades de conservação no papel. São necessários veículos, equipamentos e funcionários para vigilância e administração.

E de que adiantam esses 10%? Na Amazônia brasileira, com cerca de 5 milhões de km² de florestas e outros tipos de vegetação, as áreas de conservação somam 482 mil km², que ultrapassam os 10% da cobertura florestal.

E, apesar disso, a devastação florestal voltou a crescer no Brasil do Plano Real. A mata atlântica perdeu 20,45% de seus remanescentes entre 1990 e 1995. Segundo a Fundação SOS Mata Atlântica, a devasta-

ção dessas áreas continuou no atual governo.

A divulgação dos dados sobre o desmatamento da Amazônia no atual governo, prevista para os primeiros dias de dezembro, foi convenientemente adiada para depois da convenção sobre mudanças climáticas em Kyoto, no Japão.

A avaliação de muitas organizações não-governamentais sobre o desempenho do atual governo no setor é negativa. "O Ibama está totalmente desarticulado, sem eficiência nas suas ações e piorou no governo atual", afirma Mário Mantovani, superintendente da Fundação SOS Mata Atlântica.

No caso da floresta amazônica, a taxa anual de desmatamentos, que entre 1988 e 1989 foi de 17.860 km², baixou para 13.810 km² em 1989-1990 e para 11.130 km² em 1990-1991. Com o fim das amarras do Plano Collor, a taxa anual aumentou para 13.786 km² em 1991-1992 e para 14.869 km² em 1992-1994.

5/12/97
FSP
1-6